

## CLARAS, ADÉLIAS E OLGAS: ALGUMAS PERSPECTIVAS DE ANÁLISES SOBRE AS MULHERES NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO DE LIMA BARRETO

MARIA SANDRA DA GAMA\*

*São as formas que a cidade teria podido tomar se, por uma razão ou por outra, não tivesse se tornado o que é atualmente.*

*No atlas do seu império, ó Grande Khan, devem constar tanto a grande Fedora de pedra quanto as pequenas Fedoras das esferas de vidro. Não porque sejam igualmente reais, mas porque são todas supostas. Uma reúne o que é considerado necessário, mas ainda não o é; as outras, o que se imagina possível e um minuto mais tarde deixa de sê-lo. (CALVINO, 1990: 32-3.)*

O trecho recortado da obra de Ítalo Calvino nos conta da construção das imagens sobre a cidade de Fedora construídas por seus habitantes ou visitantes, nem sempre condizentes com a materialidade. Mas não por isso menos verossímil, uma vez que as imagens metáfora dos lugares não se produzem apenas na concretude, elas são resultados das ações sociais dos indivíduos.

Assim, apresentamos a epígrafe acima com o intuito de dialogar com um tema bastante recorrente nos estudos realizados a partir da obra de Afonso Henriques de Lima Barreto, qual seja o Rio de Janeiro da virada do século XIX para os anos iniciais do século XX e seus elementos constituintes como as transformações econômicas, políticas, sociais e urbanas. Barreto viveu naquela cidade entre os anos 1881 a 1922, de origem modesta teve como muitos brasileiros nessa condição, de se virar cedo para sustentar a si mesmo e à sua família, foi funcionário público, mas foi através do exercício da escrita, como colaborador da imprensa local ou como autor de romances que se notabilizou como um importante crítico da sociedade de seu tempo<sup>1</sup>.

A produção barretiana tem como uma de suas características principais as críticas às ações institucionais a fim de modernizar a cidade, empreendidas pelo poder público, seja na esfera federal ou municipal, marcando o período por intensas alterações urbanas que transformaram espaços e hábitos da população. O conjunto de suas críticas se estendeu ainda

---

\* Mestranda em História pela UFRN.

<sup>1</sup> Filho dos mestiços João Henriques de Lima Barreto e Amália Augusta Barreto, respectivamente tipógrafo e professora primária. Órfão de mãe e por conta dos problemas de saúde do pai, Lima Barreto teve que interromper seus estudos na escola Politécnica de Engenharia e assumir a família, em 1903, ingressou no serviço público como amanuense na Secretaria da Guerra. BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 10ª ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2012.

aos escritores que comungavam com as ideias de modernização sem se atentar para as particularidades e necessidades da população local. Desse modo, ao ressaltar as reformas empreendidas, Lima Barreto nos indicia um Rio de Janeiro que, assim como a/s Fedora/s de Calvino, deveria constar no seu processo de modificação, o necessário – o bem comum para a maioria dos seus habitantes, não apenas para pequenos grupos privilegiados–. Esse necessário se revestia como possibilidade. A cidade a nós apresentada reveste-se assim, de uma grande potencialidade de investigação das tensões da vida cotidiana, dos espaços de convivência, das pluralidades de ambiências físicas, políticas e metafóricas, da *expectativa do vir-a-ser*,<sup>2</sup> construídas pelo olhar do literato.

Os escritores, ao trazerem à baila cenas e personagens urbanos para suas obras se configuram em importantes analistas citadinos. Nessa perspectiva o filósofo Walter Benjamin, em seu trabalho “Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo”, ao empreender exame das temáticas da poesia baudelairiana tornou-se referência para os pesquisadores que buscam relacionar produção literária e vida social. Benjamin elucida em seu estudo os principais temas paradigmáticos presentes na obra de Baudelaire, como o *flâneur*, a modernidade, jogos e prostituição e reflete, a partir da ótica do poeta, sobre como a Paris das grandes mudanças moldou os comportamentos de suas personagens. (BENJAMIN, 1994)

A historiografia recente tem se alimentado muito do tema das cidades. A evolução desses estudos, segundo José D’ Assunção Barros vêm na trilha das análises semióticas, da noção de que as cidades como um texto, podem ser lidas. Desse modo, constituem-se em leitores, os habitantes ou visitantes em exercício de suas atividades habituais ou esporádicas. (BARROS, 2007: 40).

Na trilha de Walter Benjamin, a historiadora Maria Stella M. Bresciane fez da pobreza urbana dos populares e das multidões representadas nas obras de contemporâneos do século XIX, objetos de seu estudo em “Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza”. Bresciane salienta que “viver numa grande cidade implica o reconhecimento de múltiplos

---

<sup>2</sup> Expressão tomada de empréstimo de Nicolau Sevcenko. Ao apresentar as potencialidades das fontes literárias o autor nos informa que a literatura diz aos historiadores *sobre as possibilidades que não vingaram, os planos que não se concretizaram*. In: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p.20-21.

sinais. Trata-se de uma atividade do olhar, de uma identificação visual, de um saber adquirido, portanto” (BRESCIANI, 2004:16). Habitar ou passear pela grande cidade, transitar pelas ruas da urbe era se deparar com muitas das personagens afetadas pela sociedade industrial, como os ladrões, a viúva, a prostituta, o escriturário, os operários de fábrica, daí a necessidade de aprendizado de novos hábitos comportamentais, pautados a partir do olhar, olhar que agrupava, classificava e excluía.

Um dos trabalhos da historiografia brasileira pioneiros na interpretação de escritos literários como fonte histórica foi “Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.” Trata-se da investigação, sobretudo dos posicionamentos de Euclides da Cunha e Lima Barreto presentes nas escrituras de ambos e a sinalização sobre as tensões sociais existentes no período analisado. O autor do trabalho, Nicolau Sevcenko aponta semelhanças nas trajetórias dos dois escritores como a formação positivista, o gosto pela literatura russa, a aversão ao cosmopolitismo elitista. Mas, apesar das “sintonias”, havia diferenças entre os dois, essas residiam especialmente nas abordagens temáticas e nas técnicas narrativas adotadas pelos autores. Sevcenko indica ainda o caráter militante evidente nos escritos por ele analisados. Situações econômicas, sociais e políticas foram retratadas, analisadas e denunciadas tanto por Cunha quanto por Barreto. Ambos fizeram de seus ofícios:

*[...] a única matéria moldável que lhes restara à mão e sobre a qual ostentavam perfeito domínio. Espoliados que foram, como réprobos, pelas elites vitoriosas, aferram-se ao seu último recurso, fazendo da literatura instrumento e fim de sua ação, tolhidos mesmo pelos seus reduzidos limites. [...] esses autores [...] levaram ao extremo de definir caminhos absolutamente opostos na linguagem dos seus textos, muito embora voltados à solução de problemas que equacionavam em perfeita sintonia (SEVCENKO, 1995:128).*

Sandra Jatahy Pesavento em “O imaginário da cidade: visões literárias do urbano” analisa no período entre o final do século XVIII e primeiras décadas do século passado as reapropriações urbanas entre as cidades de Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre. A autora apresenta como foco de suas análises as representações literárias sobre as mesmas por acreditar que as impressões gravadas na literatura “traduzem não só as transformações do espaço como as sensibilidades e sociabilidades dos seus agentes” (PESAVENTO, 1999: 13).

O exercício de interpretação das especificidades das reformas empreendidas no Brasil fica evidente na obra de Jatahy Pesavento, especialmente no capítulo intitulado “Rio de

Janeiro: uma cidade no espelho” em que ela dialoga com o pensamento de outros estudiosos e com a interpretação dos conteúdos das crônicas, artigos e romances de escritores como Olavo Bilac, Mário Pederneiras, João do Rio, Coelho Neto e Lima Barreto e traça um panorama das transformações pela qual passou a antiga capital brasileira e ainda metaforiza sobre o espelho, não apenas como um objeto que reflete o seu duplo, mas como um elemento que ao refletir também cria imagens, num jogo de “percepção e representação” (PESAVENTO, 1999: 13).

As produções analisadas pela autora e os elementos nelas contidos foram interpretados nessa perspectiva, muitas vezes como num jogo de ambivalência. Se a cidade colonial fluminense teve Paris como modelo de suas próprias reformas, por outro lado, tal reforma fez com que o Rio de Janeiro se transformasse em modelo de cidade moderna brasileira capaz de inspirar tantas outras reformas urbanas ao longo do país. A recepção dessas transformações nem sempre encontrou ecos enaltecidos por parte de seus contemporâneos, em alguns momentos elas foram tomadas como referências ora para serem enaltecidas, ora para serem criticadas ou mesmo refutadas, conforme analisa a autora nos escritos dos literatos citados.

De acordo com o estudo de Maria Margarida C. Limena sobre as cidades na literatura ocidental, referendado pelo pensamento de Burton Pike, a diversidade de significados urbanos presentes nas obras literárias constitui-se a partir de paradigmas *da cidade e da vida social* e da *interpenetração entre passado e presente*. Residindo assim, portanto, vínculos entre esses elementos que contribuem para as construções literárias sobre os universos citadinos fixados a partir das acepções, impressões e ambivalência de sentimentos dos literatos, segundo a autora,

*[...] a cidade cristaliza tensões conscientes e inconscientes que caracterizam as mais profundas preocupações – políticas, sociais e culturais, mas também emocionais –, denotando os mais variados sentimentos que vão desde sua atração hipnótica, até os aspectos mais ligados à destruição, como Sodoma, Gomorra e Cartago (LIMENA, 2011:162)<sup>3</sup>*

<sup>3</sup> No diálogo com as ideias de Burton Pike a autora nos informa sobre a edificação de modelos referenciais presentes na literatura. Assim, Sodoma e Gomorra seriam os modelos da perversão, Cartago o da destruição, Babel o da presunção, Jerusalém o da revelação, Roma o do poder. Desse modo esses modelos se compõem em referências analíticas para o estudo das construções ambíguas das imagens sobre a cidade, fixadas na literatura, sobretudo a cidade moderna e sua capacidade de fazer vir à tona a atração e/ou repulsa naqueles que a habitam. LIMENA, Maria Margarida Cavalcanti. As cidades na Literatura: registro, escrita, imagens. In: FLÓRIO,

Assim, em nossa proposta de pesquisa pretendemos identificar e traçar os papéis das mulheres no Rio de Janeiro na obra de Lima Barreto, período marcado por reformas que, dentre outros motivos pretendeu transformar a antiga capital do império num lugar urbanizado e, dessa forma, romper com o passado eminentemente agrário. Diante de tal processo, objetivamos analisar a emergência das novas sociabilidades com vistas à efetivação do projeto modernizador da cidade, as transgressões ou não das sociabilidades impostas, a distribuição de espaços públicos e privados, as expectativas quanto aos comportamentos, sobretudo, os femininos.

Os produtores da nova ordem burguesa preocuparam-se em transformar o Rio de Janeiro num lugar cosmopolita, como já mencionando antes, aos moldes *parisienses*, sem, no entanto, aprofundar as atenções às particularidades socioeconômica, intelectual e cultural de toda a população. Os comportamentos e hábitos populares tornaram-se alvos de preocupações dos gestores públicos e grupos em ascensão à medida que esses foram interpretados como desviantes da esperada “civilização” da metrópole (SOIHET, 2010).

A implantação de sistemas de esgotos e iluminação, a derrubada dos cortiços do centro e todo um conjunto de transformações executadas na cidade como tentativa de atração de investimentos estrangeiros acarretou uma situação desafortunada para os populares, pois eles foram removidos de suas antigas moradas e tiveram o universo de suas vidas transformado, o peso disso tudo se evidenciou principalmente sobre a população feminina pobre. Rachel Soihet, ao investigar sobre a violência urbana entre as mulheres pobres no Rio de Janeiro da *Belle Époque* constata que houve a redução do tamanho e o encarecimento das moradias populares, locais não apenas de residência, mas também lugares onde as mulheres exerciam atividades de doceiras, bordadeiras, lavadeiras, entre outros trabalhos de complementação da renda ou mesmo o completo sustento de suas famílias, nessas moradias elas “desenvolviam redes de solidariedade” entre familiares e a vizinhança (SOIHET, 2010: 365).

Além das casas, as ruas constituíam-se em importantes espaços para os divertimentos, lazeres e trabalho dos homens e mulheres pobres. No entanto, o uso dos espaços públicos por

esses indivíduos passou a ser contingenciado pelas instituições públicas como a polícia, bem como pela cobrança dos “*bem situados*” como medida de moralizar antigos hábitos que, na nova ordem, eram perniciosos. Soihet nos alerta que

*Deve-se ter em mente que para muitos a rua assumia ares de lar onde comiam, dormiam e extraíam seu sustento. Também era nos largos e praças que as mulheres costumavam reunir-se para conversar, discutir ou se divertir, da mesma forma que se aglomerava nas bicas e chafarizes, não raro, brigando pela sua vez. Em grande proporção responsáveis pela manutenção da família, a liberdade de locomoção e permanência nas ruas e praças era vital para as mulheres pobres, que cotidianamente improvisavam papéis informais e forjavam laços de solidariedade (SOIHET,2010: 367).*

Apesar de suas ações importantes, sobre as mulheres pesavam muitos estereótipos como os de serem submissas aos homens, de terem que agir suave e cautelosamente, de preservarem sua reputação. Enfim, havia toda uma normatização sobre as condutas femininas. Nesse sentido, objetivamos identificar de que maneira as mudanças urbanas afetaram os comportamentos femininos, na medida em que o projeto transformador da cidade não se remetia apenas ao seu conjunto arquitetônico e topográfico, mas também às mudanças de hábitos. Cabe aqui, indagarmos sobre quais foram os caminhos trilhados, as possibilidades ou mesmo transgressões engendradas pelas mulheres nos espaços urbanos sejam eles públicos ou privados, a partir da ótica barretiana.

Assim, escolhemos intitular o presente texto, tomando de empréstimo os nomes das figuras femininas dos escritos do autor em foco. Clara em referência ao romance *Clara dos Anjos*, cuja personagem central trata-se de uma menina mestiça criada nos subúrbios cariocas sob a tutela dos pais, o carteiro Joaquim dos Anjos e a dona de casa Engrácia dos Anjos e ainda, da colaboradora na construção do comportamento recatado da filha, dona Margarida Weber Pestana. Para além dos cuidados e alerta dos três sobre certo mal afamado sedutor, Clara tornou-se mais uma das tantas outras moças seduzidas pelo conquistador Cassi Jones. O romance nos mostra o contexto suburbano do Rio de Janeiro e suas divisões hierárquicas de classe, gênero e etnia. A família de Cassi era branca, possuía certo prestígio na comunidade e suas irmãs cursaram a Escola Nacional e Normal, ao contrário das moças seduzidas por Jones, mestiças ou negras e sem a mesma instrução intelectual. Algumas das seduzidas eram

empregadas domésticas ou trabalhavam colaborando com as mães em casa nos serviços de bordados e costuras para fora.

Clara concluiu que os rumores sobre a má fama do caráter de Cassi Jones eram verdadeiros, mas foi ao procurar a família de Jones com sua escudeira dona Margarida e procurar ter sua condição remediada que constatou sobre sua impotência diante dos padrões morais de exclusão vigentes, mesmo entre os moradores dos subúrbios. A constatação de Clara eram as percepções de Lima Barreto sobre as intensas discriminações existentes na sociedade na qual era contemporâneo e da qual também, em certa medida, era um dos desfavorecidos.

Adélia trata-se do nome de um conto homônimo do autor que narra sobre uma moça de origem humilde, criada em casa de caridade e saiu de lá porque se casou. Durante os anos iniciais do casamento o esposo pôde proporcionar-lhe uma vida razoável até que adoeceu e com a doença do marido ela começou a se prostituir para sustentar a ambos. O esforço de Adélia em prover seu lar era comum entre a população pobre feminina, essas práticas das mulheres das camadas populares rompiam com o estereótipo de subalternidade, ao menos no quesito financeiro, já que para alguns homens, apesar do amparo econômico em tempos difíceis, a “incompletude” de seus papéis gerava certa frustração e atitudes agressivas em relação a suas companheiras (SOIHET, 2010, p.380). As personagens, Clara e Adélia têm em comum as marcas de suas origens modestas, a primeira, ao se dar conta de que era mulher pobre mestiça e prestes a ser mãe solteira – Cassi Jones escapara das suas armações, mais uma vez, ileso –, exclama: “Mamãe! Mamãe! [...] Nós não somos nada nessa vida” (BARRETO, 1998: 133). A segunda, apesar de ter conseguido conquistar certa riqueza material, adquirido algum luxo, ter viajado e conhecido outros lugares, conduzia a própria vida meio sem rumo, sem parecer conseguir romper de fato com sua infância pobre passada numa estalagem (BARRETO, 2002:127-130).

Por último, temos a figura de Olga de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, diferente das anteriores, Lima Barreto constrói uma personagem que pouco a pouco foi adquirindo maturidade no romance, tornando-se uma mulher forte, capaz de se posicionar diante das injustiças imputadas pelo governo a Policarpo Quaresma. Para Magali Gouveia Engel os

vínculos de parceria entre Olga e Ricardo Coração dos Outros<sup>4</sup> em adesão à causa de Quaresma indicam “uma espécie de metáfora do equilíbrio que asseguraria a tolerância diante das diferenças e, assim, o fim da hierarquização de classe, de raça e de gênero” (ENGEL, 2012: 384). Apresentamos brevemente as três personagens com o intuito de traçar os perfis de algumas das diversas mulheres dos escritos de Lima Barreto, traço importante que nos auxilia a compreender a transformação e evolução ou não das ações, posicionamentos e atitudes femininas na literatura barretiana.

Nosso foco de análise temporal os anos de 1904 a 1922. Iniciamos a baliza em 1904, por tratar-se do ano da escrita da primeira e inacabada versão de *Clara dos Anjos*, romance que se constitui como uma das fontes elementares para análise de nossa problemática e ainda por ser o começo da produção do escritor como colaborador em diversos jornais e revistas.<sup>5</sup> Escolhemos terminar nossa demarcação em 1922, ano da morte do autor. Nosso proposto é investigar sobre a condição feminina no Rio de Janeiro da *Belle Époque*, representada na escrita barretiana. Nesse aspecto, apresentamos um breve recorte de uma crônica do autor publicada no semanário A. B. C., referente a um homicídio; a vítima, uma mulher adúltera; o assassino, o marido<sup>6</sup>. Vejamos o que diz,

*A meu ver, não há degradação maior para a mulher do que semelhante opinião quase geral; nada a degrada mais do que isso, penso eu. Entretanto...*

*Às vezes mesmo, o adultério é o que se vê e o que não se vê são outros interesses e despeites que só uma análise mais sutil podia revelar nesses lagos.*

*No crime da Rua da Lapa, o criminoso, o marido, o interessado no caso, portanto, não alegou quando depôs sozinho que a sua mulher fosse adúltera; entretanto, a defesa, lemos nos jornais, está procurando “justificar” que ela o era (FERNANDES, 2010: 234).*

<sup>4</sup> Ricardo Coração dos Outros foi professor de violão do patriota Policarpo Quaresma e Olga era a afilhada.

<sup>5</sup> Lima Barreto foi um inscansável escritor, além dos romances *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, *Numa e a ninfa*, *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* e *Clara dos Anjos*, das sátiras *Os Bruzundangas* e *Coisas do Reino do Jambom*, escreveu ainda vários contos, artigos, memórias e crônicas nas revistas *Careta*, *Revista Contemporânea*, *Floreal*, nos jornais *Gazeta de Notícias*, *Gazeta da Tarde*, *Correio da Noite*.

<sup>6</sup> Trata-se da crônica intitulada “Mais uma Vez”, publicada originalmente no semanário A.B.C. em 1920 e reunida em *Bagatelas*. O conjunto dessas crônicas está reunido no monumental trabalho de cronologia e sistematização das crônicas de Lima Barreto em: FERNANDES, Ana Helena Cobra. *Bagatelas em perspectiva*. Lima Barreto - crônicas anotadas. Dissertação de Mestrado. Departamento de Teoria e História Literária do IEL. Universidade Estadual de Campinas, 2010.

É possível vislumbrarmos uma acepção política no posicionamento de Lima Barreto em relação ao suposto adultério feminino, quando sugere que, longe de não dar importância a um crime dessa natureza, até porque o autor condena e classifica de bárbara a crença na ideia de se fazer justiça à honra manchada pela infidelidade conjugal, matando a parceira. Para ele, seria interessante investigar as razões por trás dos comportamentos infiéis das mulheres, pois eles poderiam ser muito mais resultados de aspirações de mudanças de vida do que de mudança de parceiros sexuais. A mulher, como sugere o trecho, para além de outras dificuldades, ainda era escrava da moral e julgamento de uma opinião pública, muitas vezes hipócrita.

As questões sugeridas pelo autor contribuíram para a construção de nossa problemática investigativa, na medida em que ele mesmo intitula a sua produção de uma escrita militante e, de fato é notório o reconhecimento de Barreto como um escritor que, além de testemunhar, denunciou a exclusão dos menos favorecidos no processo de modernização da cidade do Rio de Janeiro, através de seu mais notório ofício, o da escrita. Nesse sentido, objetivamos identificar nesse exercício de denúncia, o modo como as mulheres foram representadas em sua obra e a partir daí tentar analisar os papéis destinados a elas na nova ordem cidadina, no Rio de Janeiro em transição e ainda, refletir em que medida esses papéis eram ou não a tradução dos posicionamentos de Lima Barreto. Desse modo, pretendemos pesquisar os limites dessas personagens seja na cidade produzida ou na cidade reproduzida.

Com vistas a encontrar suporte para nossos estudos identificamos várias publicações advindas dos estudos em torno da literatura barretiana, selecionamos algumas delas que, pelas temáticas tratadas, nos assessorarão em nossas próprias análises, bem como nos auxiliarão a pensar formas de construção de nosso trabalho de modo a também contribuir com a historiografia inspirada nas composições de Lima Barreto.

Carlos Alberto Machado Noronha, em “Lima Barreto entre lutas de representação: uma análise da modernização da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX”, tomando como base para a investigação as crônicas, quatro romances, exceção para Triste Fim de Policarpo Quaresma, os artigos, os contos, diários e correspondências, apresenta a construção da imagem da capital fluminense presente na produção barretiana confrontando-a com o

pensamento dos autores Olavo Bilac, Afrânio Peixoto, João do Rio e ainda com as normatizações governamentais tão bem recepcionadas pelas elites econômicas.

Como resultado do confronto desses textos Noronha infere que o cotidiano carioca presente na escrita de Lima Barreto estava inscrito e ancorado na experiência da materialidade urbana vivenciada pelo escritor. Desse modo, as críticas eram uma tentativa de demonstrar as complicações da padronização e os interesses por trás do projeto elitista modernizador, sejam eles o dos dirigentes ou mesmo dos literatos que comungavam com essas ideias, daí a promoção e valorização das diversidades culturais, temporais e espaciais presentes nos escritos barretianos, como uma tentativa de ressignificação e até mesmo preservação em alguns momentos, de manifestações, hábitos e lugares citadinos vivenciados pelos populares. Pretendemos aprofundar o estudo desses aspectos em nossa pesquisa para avaliar as percepções e críticas de Barreto à forma como a modernização do Rio de Janeiro estava sendo empreendida.

Em “Uma outra face da Belle Époque carioca: o cotidiano nos subúrbios nas crônicas de Lima Barreto”, Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto traz a discussão entre sociedade e representação cultural e, de modo semelhante a Carlos Noronha, apresenta os discursos pró legitimação das modernizações em oposição aos que negavam as intervenções urbanas. O primeiro baseado no saber científico e o segundo pautado, principalmente, na observação dos que viviam à margem da nova ordem excludora dos menos favorecidos. Azevedo Sobrinho Neto nos apresenta uma gama de temas presentes nas crônicas barretianas, como as intervenções urbanas no Rio de Janeiro na *Belle Époque*, alcoolismo, imprensa, esportes e lazeres, enfim, procura elucidar as agruras do cotidiano da população pobre da capital fluminense. Segundo Azevedo Sobrinho Neto, essa variedade temática de Lima Barreto, fez do escritor “um cronista das adversidades e das desventuras geradas pelo movimento de regeneração urbana carioca” (AZEVEDO SOBRINHO NETO, 2010: 18).

“Comunicação e Literatura: vozes de uma cidade e seus personagens em Lima Barreto” é parte da tese de doutorado em Sociologia em que Francisco Assis Duarte, a partir de *Memórias do escrivão Isaías Caminha*, dialoga sobre os ofícios de jornalista e literato exercidos por Lima Barreto e delinea a simbiose entre as vozes da cidade presentes na obra e

na vida do escritor. Assim, na intersubjetividade, sobrepõe-se a urbe vivenciada pelo autor e a reproduzida e ambientada por suas personagens.

Pedro Belchior em “Tristes Subúrbios: literatura, cidade e memória na experiência de Lima Barreto (1881-1922)”, problematiza a noção de afetividade que se cristalizou na interpretação em torno dos subúrbios na escrita barretiana. Belchior destaca as tensões, inquietudes e mal – estares presentes na obra do autor como elementos de rejeição da ideia do ser *suburbano* como condição natural. Belchior objetivou compreender a ambivalência entre marginalidade e reconhecimento, subúrbio/ centro afetos e desafetos na produção e trajetória do escritor.

Nos quatro últimos trabalhos acadêmicos pontuados até aqui o foco principal das análises dos autores se concentraram, sobretudo, na investigação da cidade, tema candente por excelência na produção barretiana. Fabiana Câmara Furtado em “Perfis da Belle Époque brasileira: Uma análise das figuras femininas de Lima Barreto”, contudo dá maior relevo em seu estudo, à condição feminina retratada nos escritos barretianos e, ao analisar numa perspectiva de gênero a variedade étnica e socioeconômica dos personagens femininos, a autora constata a edificação do preconceito em relação à mulher atrelado às condições sociais, mais pronunciados nas pobres, sobretudo nas negras.

Objetivando desmistificar as conjecturas sobre misoginia em torno de Barreto, Fabiana Furtado circunscreve o universo social feminino barretiano como uma forma de crítica ao feminismo elitista e classista existente no período em que o autor viveu. A autora conclui que Lima Barreto dirigia suas críticas à capacidade aprisionadora do feminismo, pois essa acabava por reduzir a diversidade da inteligência criativa da mulher ao papel de repetidoras das acepções homogeneizantes do movimento.

Carlos Erivany Fantinati, Magali Gouveia Engel e Ana Helena Cobra Fernandes, nos respectivos artigos “Lima Barreto e a mulher”, “Gênero e política em Lima Barreto” e “O feminino nas crônicas de Lima Barreto - Rio de Janeiro 1905-1922,” investigam as temáticas que giram em torno das personagens femininas como casamento, divórcio, profissionalização. E, assim como Fabiana Furtado, sinalizam a necessidade de estudos ampliados a respeito de visões que reduzem as questões femininas apresentadas na obra de Barreto como sendo fruto

de uma visão misógina, eles localizam antes de tudo, um posicionamento político do autor face às condições de dificuldades vividas pelas mulheres de sua época, sobretudo as pertencentes às camadas menos favorecidas da população.

Assim como as fronteiras abertas pelos autores citados antes, na abordagem proposta por nossas pesquisas pretendemos contribuir para a ampliação dos estudos e relação da literatura barretiana e a história, sobretudo nessa última área, pois embora as autoras Magali Gouveia Engel e Ana Helena Cobra Fernandes sejam historiadoras, a condição feminina no Rio de Janeiro de Lima Barreto relacionada às transformações da cidade não fazem parte do campo de pesquisa em que ambas dedicam mais fôlego.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Discursos e pronunciamentos: a dimensão retórica da historiografia. IN: Pinsky, Carla Bassanezi e Luca, Tânia Regina de (Orgs). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_. A hora da estrela: História e Literatura, uma questão de gênero? In: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história*. Bauru/SP: Edusc, 2007.

AZEVEDO SOBRINHO NETO, Joachin de Melo. *Uma outra face da Belle Époque carioca: o cotidiano nos subúrbios nas crônicas de Lima Barreto*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em História. Universidade Federal de Campina Grande, 2010.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 10ª ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2012.

BARRETO, Lima. *Melhores contos Lima Barreto* (Seleção de Francisco de Assis Barbosa). 8ªed. São Paulo: Global, 2002.

BARROS, José D' Assunção. *Cidade e História*. Petrópolis/RJ, 2007.

BELCHIOR, Pedro. *Tristes Subúrbios: literatura, cidade e memória na experiência de Lima Barreto (1881-1922)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em História. Universidade Federal de Fluminense, 2011.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRESCIANI, Maria Stella M. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

ENGEL, Magali Gouveia. Gênero e política em Lima Barreto. *Cad. Pagu*, Campinas, n.32, Junho 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332009000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332009000100012&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 03 nov. 2012.

FANTINATI, Carlos Erivany. Lima Barreto e a mulher. *Literatura e autoritarismo*, n. 12, Julho-Dezembro 2008. Disponível em: <[http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num12/art\\_08.php](http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num12/art_08.php). Acesso em: 03 Nov. 2012.>

FERNANDES, Ana Helena Cobra. *Bagatelas em perspectiva: Lima Barreto - crônicas anotadas*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Teoria e História Literária do IEL. Universidade Estadual de Campinas, 2010.

\_\_\_\_\_. O feminino nas crônicas de Lima Barreto - Rio de Janeiro 1905-1922. In: ANPUH/SP/UNICAMP. *Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História*. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004. Cd-rom.

FERREIRA, Antonio Celso. Literatura: a fonte fecunda. IN: Pinsky, Carla Bassanezi e Luca, Tânia Regina de (Orgs). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

FURTADO, Fabiana Câmara. *Perfis da Belle Époque brasileira: Uma análise das figuras femininas de Lima Barreto*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística. Mestrado em Teoria da Literatura. Universidade Federal de Pernambuco, 2003.

GUIMARÃES, Francisco Assis Duarte. *Comunicação e Literatura: vozes de uma cidade e seus personagens em Lima Barreto*. Natal: EDUFRN, 2011.

LIMENA, Maria Margarida Cavalcanti. As cidades na Literatura: registro, escrita, imagens. In: FLÓRIO, Marcelo; BARREIRO FILHO, Roberto Coelho; AVELINO, Yvone Dias (Orgs.). *Olhares Cruzados: cidade, história, arte e mídia*. Curitiba: Ed. CRV, 2011.

MACÊDO, Tânia. *Luanda, Cidade e Literatura*. São Paulo: Ed. Unesp; Luanda: Nzila, 2008.

NORONHA, Carlos Alberto Machado. *Lima Barreto entre lutas de representação: uma análise da modernização da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Dissertação de

Mestrado. Programa de Pós Graduação em História. Universidade Estadual de Feira de Santana, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. Porto Alegre: UFRG, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. Trad. Dabat, Christine Rufino; ÁVILA, Maria Betânia. 3ª ed. Recife: S.O.S. Corpo, 1996.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, Mary del (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 9ªed. São Paulo: Contexto, 2010.